

ASSIRELLI (Oddone). — *L'Afrique Polyglotte*. Paris. Payot. (Tradução francesa).

A África, em certo sentido, é ainda uma parte do mundo inexplorada. Com vistas a esse continente, naturalistas, geólogos, etnólogos, historiadores das religiões etc., trabalham ininterruptamente para elucidar certos assuntos que nos interessam sobremaneira.

Apresentamos em resumo algo a respeito das línguas da África.

Para avaliar-se a dificuldade deste assunto, é mister lembrar, logo de início, que, sendo elevadíssimo o número de línguas, este não foi ainda fixado exatamente. Mesmo em alguns grupos de línguas há ainda certa vacilação. Por exemplo, as línguas bantus são, segundo alguns autores, em número de 366; si por um lado for considerado desaparecido o líbico, por outro sobrevivem os 50 ou mais idiomas bérberes; só os dois grupos nilo-congolés e ubanghiano possuem 44 idiomas e há tribos que dentro de uma pequena área falam 7 ou 8 línguas. Não se pode também traçar ainda uma linha bem divisória entre línguas e dialetos.

Além de muitos outros trabalhos sobre as línguas, que seria difícil citar devido ao espaço, convém lembrar a "*Polyglotta Africana*" de Koeller (1854) e a "*Polyglotta Africana Orientalis*" de J. T. Last (1885). Estas obras não tratam de todas as línguas africanas, é conveniente lembrar, mas somente das referentes a uma zona limitada.

O fundador da glotologia bantu foi G. Bleek. Sua dissertação tornou-se célebre: "*De nominum generibus Linguarum Africae Australis, Copticae Semiticarum aliarumque sexualium*", Bonnæ 1851. O autor funda-se em extensíssimo conhecimento das línguas da África meridional, ocupando-se da afinidade hotentote com as línguas camíticas. Escreveu várias obras e entre elas é forçoso mencionar a "*Comparative Grammar of South African Languages*". Dado o valor deste livro foi o autor chamado o "pai da lingüística africana", o Bopp das línguas bantus.

O descobridor, porém, das línguas que, mais tarde foram chamadas bantus, foi o naturalista Lichtenstein, que esteve no Cabo da Boa Esperança desde 1803 a 1806. Comparou ele grande número de vocábulos entre si, especialmente de Moçambique e chegou à conclusão de que as línguas da África meridional, de Banguela de um lado e Kilwa do outro, formavam uma só família. Essa descoberta foi demonstrada em um trabalho escrito em 1808, em que são examinados também os prefixos das classes nominais, que formam a característica mais notável das línguas bantus.

É mister dizer também que Marsden, em 1816, independentemente de Lichtenstein, reconheceu a unidade das línguas da África ao sul do equador, excluindo o hotentote-boximano. A verdade, científica foi mais tarde demonstrada por Gabelents, Ewal e Pott.

Preciosa é a obra do jesuita Torrend, "*Comparative Grammar of the South African Bantu-Languages* (1891); também a de H. H. Johnston, "*Comparative Study of the Bantu and Semi-Bantu Languages*" (1919); bem assim são de valor os trabalhos de Delafosse, na obra "*Les Langues du Monde*"; os livros da célebre bantuísta L. Homburger; os trabalhos dos incansáveis pesquisadores como Lottner, F. Müller, Reinisch, Westermann, Norris, Logan, Christaller, Krause, Lepsius, Finck, De Gregorio, etc.

O missionário luterano K. Meinhof, com os seus estudos, criou a fonologia científica do bantu e reduziu-a a tal grau de precisão que pode rivalizar com a aperfeiçoada fonologia indo-européia, também no que se refere à reconstrução das formas pré-históricas.

Notável impulso, sob o aspecto de afinidades, deu aos estudos dos grupos das línguas da África entre si e em relação a outros grupos lingüísticos, o Prof. Alfredo Trombetti, com os seus trabalhos científicos.

O primeiro livro impresso em língua bântu foi publicado em Lisboa em 1624. No mesmo século apareceram outras publicações como sejam um catecismo na língua de Angola, um vocabulário e uma gramática da língua do Congo (obras do P. Giacinto Brusciotto di Vetralla) e uma gramática angolana. Mais tarde o P. Bernardo Maria de Canneccattim publicou em Lisboa, em 1804, um dicionário e "Coleções de Observações Gramaticais sobre a língua Bunda ou Angolense", Lisboa, 1805. Finalmente, uma obra que merece a nossa atenção particular é a do Prof. Oddone Assirelli, "Africa Polyglotta", Bolonha, 1938. O seu autor, o Prof. Assirelli, é atualmente o encarregado do Curso de Glotologia na Universidade de Bolonha. É ele um dos glotólogos de maior reputação na Europa e foi discípulo de Trombetti. De tal valor é essa obra que foi agora traduzida para o francês pela Casa Payot, Paris.

Um dos aspectos por que atrai sobremaneira "L'Afrique Polyglotte", de Assirelli (refundida e aumentada pelo autor) é o fato de demonstrar o traço de união entre certas línguas africanas e as línguas desaparecidas da América, do Oriente e especialmente da Oceania.

Sabe-se que as teorias da afinidade entre as línguas da África e outros grupos são as mais variadas possíveis. Apresentamos apenas o exemplo interessante de Drexel que, numa série de artigos, na revista "Anthropos", tentou aproximar os africanos e os sumerianos. Nenhum glotólogo, é de crer, pretende a solução de certos problemas, estudando um grupo isolado de línguas e desprezando os restantes. Também nenhum antropólogo ou etnólogo haverá que, pretendendo esclarecer questões centrais de sua especialidade, se preocupe somente com uma determinada raça de uma certa época. O linguísta precisa tomar em consideração toda e qualquer língua e os grupos de línguas considerados no tempo e no espaço. Se há línguas, porém, queremos frisar, que devem preocupar sobremaneira o glotólogo, em suas pesquisas, são justamente as mais antigas, as pré-históricas, aquelas que podem ser o reflexo mais perfeito dos homens nas trevas da pré-história. As línguas da África prestam-se para essas pesquisas. Os idiomas dos indígenas, que pouco se alteram no volver dos séculos, constituem manancial precioso para estudo. A língua dos pigmeus por exemplo, que, segundo opinião de alguns etnólogos modernos, são o pesquisador. O livro do Prof. Assirelli, por muitas razões, se impõe a todo o estudioso de glotologia.

JORGE BERTOLASO STELLA.

---

SARMENTO (Alexandre). — *Para a História do Huambo*. Edição dos Serviços Culturais da Câmara Municipal de Nova Lisboa, s/d., I vol., 47 pp.

A conquista militar e a ocupação do Distrito de Huambo, em Angola, é o tema dessa plaquette de autoria do dr. A. Sarmento, ilustrado pesquisador português, a quem se devem numerosos trabalhos sobre medicina, antropologia física e etnografia da África Ocidental Portuguesa. O volume contém uma série de artigos, publicados na imprensa angolana, nos quais o A. fixa episódios da campanha empreendida em 1902 pela chamada "Coluna do Sul" contra as tribos negras da região. Tratando-se embora de crônicas escritas sem pretensão científica, — em suas páginas foram rememorados e pela primeira vez registados diversos pormenores importantes daquela fase da penetração lusitana nas terras da colônia de Angola, onde hoje florescem alguns núcleos de civilização, entre os quais Nova Lisboa, a própria capital do Huambo.

THALES DE AZEVEDO.